

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

Gabriela Barros Pereira

**Trajetórias de vida de pessoas em situação de rua: Um
estudo sobre a população em situação de rua em
Varginha/MG.**

Varginha/MG

2019

Trajetórias de vida de pessoas em situação de rua: Um estudo sobre a população em situação de rua em Varginha/MG.

Orientada: Gabriela Barros Pereira

Trabalho de conclusão de PIEPEX apresentado ao Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade de Alfenas como requisito parcial para a obtenção de título de Bacharel em Ciência e Economia.

Orientador: Bruno Eduardo Freitas Honorato.

Varginha/MG

2019

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo conhecer as trajetórias de rua. O problema de pesquisa deste trabalho é tentar entender a opção pelas ruas, como também os encadeamentos para os indivíduos que estão na rua e seus familiares, levando em consideração sua trajetória de vida, desde sua infância até os dias atuais, na busca de compreender as dificuldades enfrentadas por este grupo social. Para isso foram entrevistadas quatro pessoas em situação de rua, no Centro de Referência Especializado à População de Rua - Centro POP, além de uma gestora da organização de amparo. A metodologia utilizada proporcionou a realização de uma entrevista com uma riqueza de reflexões, contudo por questão de limitação de tempo as trajetórias não puderam ser aprofundadas. Para compreender as trajetórias de vida, autores como Cofani (2012), Sicari (2018), Honorato (2014) foram utilizados para a realização deste estudo. Na apresentação de resultados consta que a entrevista é um método eficiente para aproximar-se da realidade da população em situação de rua. Verificou-se que não há um único motivo que leva um indivíduo a escolher as ruas, logo não existe apenas uma medida pública que contribua para a saída das ruas. Porém, conclui-se que políticas públicas assistências são extremamente relevantes na sobrevivência e uma oportunidade de uma vida digna para a população em situação de rua.

Sumário

1. Introdução	5
2. Referencial Teórico.....	6
3. Metodologia.....	9
3.1 Abordagens de histórias de vida	10
4. Apresentação de resultados	11
4.1 Um sujeito falante	12
4.2 O padeiro	13
4.3 O migrante.....	14
4.4 O solitário	16
4.5 Uma entrevista com a entrevistadora	18
4.6 O Centro POP	19
5. Considerações finais	22
6. Roteiro da entrevista na organização Centro POP	25
Referências	28

1. Introdução

Quantas vezes já encontramos com uma pessoa em situação de rua e o julgamos sem nem ao menos conhece-los? Palavras como vagabundo, bêbado, drogado, perigoso são usadas frequentemente para descrever estes sujeitos. O problema de pesquisa deste trabalho está na tentativa de compreender a opção pelas ruas, tal como as implicações para estes indivíduos que estão na rua e seus familiares, levando em consideração sua trajetória de vida, desde sua infância até os dias atuais, na pretensão de entender as dificuldades enfrentadas por este grupo social. Com a finalidade de compreender melhor a adversidade, foi realizado uma entrevista com quatro indivíduos em situação de rua, no Centro de Referência Especializado à População de Rua - Centro POP, organização que auxilia na sobrevivência deste grupo, a qual oferece um espaço que possa ser realizado a higiene pessoal, alimentação, guarda de pertencentes, dentre outros serviços (PREFEITURA DE VARGINHA, 2017). Para abordar o problema da pesquisa foram levantadas questões como: trajetória pessoal e profissional, relação com a cidade, quem faz parte da população de rua, como chegaram a instituição que os acolhe e sua relação com ela, a conexão com as políticas públicas que aumentam a vulnerabilidade destes sujeitos, além da dificuldade na reinserção na sociedade.

A Lei N ° 8.742, de 7 de Dezembro de 1993 diz que “a assistência social, direito do cidadão e dever do Estado, é Política de Seguridade Social não contributiva, que provê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas” (1993, p.1). É dever do Estado garantir direitos básicos como saúde, educação, fonte de subsistência, dentre outros benefícios. Segundo Honorato (2014, p.17) “a população em situação de rua carece da maioria dos recursos de que dispomos cotidianamente para suprir essas necessidades”.

Conhecer as trajetórias de vida da população em situação de rua é fundamental para a efetivação de políticas públicas que auxiliem na sobrevivência destes sujeitos. Os autores De Alcantara, De Abreu, Farias (2015) dizem que o Estado deu a devida atenção a este grupo social há pouco tempo, e logo as pesquisas qualitativas que buscam compreender a população em situação de rua, por meio de histórias de vida, como também os serviços de proteção social, ainda são limitados, na qual os mesmos dizem que:

Conhecer o cotidiano das pessoas em situação de rua -seu modo de vida, suas estratégias de sobrevivência, seus processos de adoecimento físico e psíquico e, sobretudo, os significados atribuídos pelos próprios sujeitos ao processo de existir e subjetivar-se em situação de rua- torna-se imprescindível para a efetivação de políticas públicas emancipatórias. (DE ALCANTARA, DE ABREU, FARIAS, 2015).

A pesquisa estrutura-se em quatro partes, a primeira é uma discussão de estudos feitos por outros autores, que serviram como fundamento para a presente pesquisa; a segunda é de caráter metodológico, em que é apresentado como o estudo foi realizado; a terceira é uma descrição da entrevista realizada com os frequentadores do Centro POP; e, finalmente, uma parte que apresenta a síntese dos relatos, ligando a fala de cada entrevistado, evidenciando a importância de políticas públicas, como a organização Centro POP, na vida da população em situação de rua.

2. Referencial Teórico

Na cidade de Varginha – MG é possível encontrar cotidianamente muitos moradores em situação de rua em praças, em avenidas de grande movimento, rodoviária, dentre outros locais. A instituição Centro POP do município acolhe estes indivíduos durante o dia e os leva para um espaço concedido pela prefeitura municipal, afim de que estes sujeitos possam se alimentar adequadamente, cuidar de sua higiene pessoal, receberem atendimento psicológico além de participar de oficinas oferecidas pela instituição.

Segundo o Decreto N° 7.053 de Dezembro de 2009, população de rua é:

... o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória. (2009, p.1)

Assim, este grupo é caracterizado por indivíduos que não possuem, ou tem poucos benefícios e privilégios. É possível perceber que há relações familiares fragilizadas, na qual estes vínculos possuem grande influência na formação do sujeito e em inúmeras circunstâncias, a rejeição ou incompreensão desses familiares podem ocasionar problemas na vida do sujeito, o que pode se externalizar para uma fuga do lar.

Sendo assim, o problema de pesquisa deste trabalho é tentar entender não só a opção pelas ruas, como também os encadeamentos para os indivíduos que estão na rua e seus familiares, levando em consideração sua trajetória de vida, desde sua infância até os dias atuais, na busca de compreender as dificuldades enfrentadas por esse grupo social.

Neste sentido, uma questão importante a ser levantada ao se discutir população de rua é o motivo desses indivíduos chegarem a essa situação. A pesquisa Nacional da População em Situação de Rua (BRASIL, 2009) listou os principais motivos que levaram um indivíduo a morar na rua. Entre os motivos estão: o uso abusivo de álcool e outras drogas (35,5%), o

desemprego (29,8%) e conflitos familiares (29,1%). A pesquisa também revelou que a sensação de liberdade é a principal motivação para a escolha de se viver na rua.

A infância tem grande papel na formação de um indivíduo. A fuga do lar pode estar relacionada a esta fase quando há dificuldades que, na percepção do jovem, não possuem solução. Problemas financeiros, complicações nas relações familiares e uso de substâncias ilícitas são fatores que influenciam na construção social de um sujeito, e não somente na infância, como também em toda sua trajetória de vida (MOURA; SILVA; NOTO, 2009).

Segundo Cofani (2012), os adolescentes em situação de rua começam o consumo de álcool primeiro que outros grupos sociais. Moura, Silva e Noto (2009) a rua pode ser vista como um lugar de liberdade e independência inicialmente, porém, quando as dificuldades surgem, o espaço se torna um lugar de privação. Neste contexto, os jovens, muitas vezes, não frequentam a escola, devido a “liberdade” vivida nas ruas, e também fazem o uso de álcool e outras substâncias.

As dificuldades financeiras muitas vezes estão atreladas ao desemprego e essa condição pode levar a um sentimento de frustração. A sociedade muitas vezes julga um indivíduo que não trabalha como desocupado e que não se encaixa nos “padrões da sociedade”. Mattos e Ferreira (2004) afirmam que “o indivíduo não-trabalhador é encerrado pela ideologia dominante numa situação periférica, e estigmatizado como ser desviante, degenerado e residual. Ele se vê e sente como elemento segregado, portador de uma identidade atrofiada” (STOFFELS, 1977, p. 231 apud MATTOS; FERREIRA, 2004, p.53). Tal identidade definhada contribui para que o sujeito não se enxergue como um cidadão, causando um sentimento de constrangimento e até mesmo humilhação, fator que contribui para a oportunidade de escolher as ruas.

A carência de relações familiares pode agravar o psicológico da pessoa em situação de rua. Alguns transtornos psicológicos, como a depressão, não são difíceis de serem encontradas entre este grupo. Segundo Machado (2014, p. 17): “a família muitas vezes pode ser, para o indivíduo, sinônimo de segurança, proteção, apoio, refúgio e afeto, mas também pode representar divergências, discordância, insegurança e conflito”. Logo, a família possui uma grande influência na formação do sujeito e em inúmeras circunstâncias, a rejeição ou incompreensão destes familiares podem ocasionar problemas na vida do homem, e essa dificuldade pode acarretar uma fuga do lar.

As relações familiares podem desempenhar um papel importante até mesmo no processo de migração de um morador em situação de rua, porém esta condição nem sempre é a razão de um sujeito estar nas ruas. A pesquisa Nacional da População de Rua (BRASIL, 2009) listou o perfil desta população, na qual 51,9% possuem algum familiar na cidade em que se encontram, mas 38,9% não mantêm contato com seus parentes. Logo, é possível deduzir que quase metade dos entrevistados não se encontram na cidade de seus parentes, seja por motivo de mudança por parte dos familiares ou do entrevistado. Segundo Rodrigues (2015), rompimento de laços já fragilizados podem ser a razão dessa mudança. Em classes sociais mais baixas, a migração pode ser explicada pela ruptura de vínculos familiares, violência doméstica, além de abusos sexuais (DALY, 1998 apud RODRIGUES, 2015).

É comum se deparar com sujeitos em situação de rua que fazem o uso contínuo de drogas tanto ilícitas, como maconha, crack, cocaína, dentre outras, como também drogas lícitas, como cigarro e álcool. Essas drogas servem como um escape da realidade, isto é, uma forma de encontrar um tipo de conforto em frente ao modelo de vida seguido. Segundo Varanda (2009) e Tondin, Neta e Passos (2013) o uso de substâncias psicoativas servem como um caminho para sobreviver e minimizar o sofrimento físico e psíquico suportado nas ruas. Morera (2013) afirma que o uso de drogas nas ruas está relacionado a ausência de regras, laços familiares que possuem pouco diálogo e/ou violência, além de baixa renda e desemprego. O uso de drogas nem sempre são fatores determinantes para a fuga as ruas. Outras dificuldades podem levar esses sujeitos a saírem de casa e posteriormente o uso destas substâncias para fugir da realidade a sua volta.

Desta forma, é importante refletir sobre a imagem preconceituosa que há sobre os indivíduos que estão nas ruas, na qual a forma em que a comunidade enxerga o sujeito é fruto de um processo da estrutura da sociedade capitalista, que traz consigo os conceitos de exploração e desigualdade social (MACHADO, 2014). Esse processo de globalização e capitalismo carrega o individualismo, o que pode acarretar a exclusão de alguns grupos. Os sentimentos de exclusão e sofrimento são consequências deste processo, além dos fatores econômicos e políticos frutos de injustiça social (TONDIN; NETA; PASSOS, 2013). A forma que uma comunidade se organiza contribui para que o sujeito se enxergue como um cidadão, e quando um indivíduo não se considera parte desta cidadania há um sentimento de constrangimento e até mesmo humilhação. Segundo Mattos e Ferreira (2004):

Permeado pelo critério psiquiátrico de patologia como sinônimo de anormalidade, em contraposição aos indivíduos considerados normais, muitas vezes as pessoas em situação de rua são vistas como loucas ou casos de internação. A caracterização das pessoas em situação de rua como anormais, carrega em si a comparação com uma normalidade vista como forma legítima de vida na sociedade. Assim, o diferente passa a ser objeto de estranhamento e repulsa (MATTOS; FERREIRA, 2004, p.50).

Deste modo, a pesquisa pretende abordar as histórias de vida e as trajetórias de quatro pessoas em situação de rua que frequentam o Centro POP, acentuando a importância de debater sobre este tema social, reforçando a importância do governo em contribuir na reinserção destes sujeitos com políticas públicas. Além disso, o trabalho busca abordar os motivos que levam um indivíduo a morar nas ruas.

3. Metodologia

Este artigo busca entender a trajetória pessoal e profissional de um grupo de pessoas em situação de rua, sua relação com a cidade, quem faz parte deste grupo, como chegaram a instituição que os acolhe e sua relação com ela, as relações com as políticas públicas que aumentam a vulnerabilidade destes sujeitos, além da dificuldade na reinserção na sociedade. Durante a pesquisa, teve-se a oportunidade de conhecer o funcionamento da instituição Centro POP, assim como suas dificuldades, além de ter a ocasião de dialogar com os frequentadores que se encontram em situação de rua.

Para Delory-Momberger (2012) o relato está baseado em um discurso narrativo em que é analisado as explicações, avaliações e as “ações” contadas. É de extrema importância reconhecer a diversidade de relatos, já que é nele que é possível encontrar os sistemas de valorização do indivíduo que conta sua história. Assim, foi utilizado o método de pesquisa descritiva, que tem como finalidade analisar os relatos contados por frequentadores da instituição Centro POP. Foram entrevistados quatro moradores em situação de rua, os quais os gestores do Centro POP escolheram dentre aqueles que julgaram que estavam aptos a responderem as perguntas. As entrevistas foram realizadas de modo coletivo. Este grupo já forneceu uma riqueza de informações o suficiente para a análise e realização do estudo (Closs, Rocha-de-Oliveira, 2015). Além disso, a gestora do Centro POP respondeu a um questionário, via e-mail, com informações necessárias para o melhor entendimento da organização. Também foram utilizados dados de entrevistas feitas na organização pelo grupo de pesquisa “Cidadão de Rua” da Universidade Federal de Alfenas – Campus Varginha anteriormente coletados.

O estudo é de caráter qualitativo, destacando a análise e estudo de uma pesquisa documental, relacionando os relatos contados com a pesquisa bibliográfica realizada. Ao total

foram 32 perguntas realizadas aos entrevistados que aconteceu de forma presencial no Centro POP, em 22 de maio de 2019. Foi necessário um processo de aprovação, na qual foi enviado uma carta de apresentação do projeto, um roteiro de perguntas e um termo de consentimento ao CRAS- Centro de Referência da Assistência Social, que após a aceitação foi marcada a entrevista. O Centro POP de Varginha, no atual momento, isto é 2019, mantém relações frutíferas com o Grupo de Pesquisa “Cidadão de Rua” na Universidade Federal de Alfenas no sentido de possibilitar a pesquisa no espaço sempre que possível e receber atentamente as devolutivas das pesquisas para o seu aprimoramento.

A ideia da pesquisa surgiu após um grupo de estudos da UNIFAL – MG, conhecido como O2 –Organizações Outras, que discutiu o tema de desigualdade social. Dentre os grupos que sofrem com tal desigualdade, as pessoas em situação de rua foram escolhidas a serem estudadas. Logo, o grupo de estudos serviu como inspiração para esta pesquisa.

As trajetórias de vida foram usadas como um fio condutor para entender os relatos apresentados. Para entender o termo trajetórias de vida é preciso compreender as histórias de vida, já que apesar desta ter inspirado o estudo, por uma questão de limitação de tempo, concluiu-se que seria mais adequado apresentar as trajetórias de rua.

3.1 Abordagens de histórias vida

Este estudo baseia-se em narrativas, isto é, contos ditos pelos moradores de rua. A pesquisa aborda um registro escrito, com base em narrativas pessoais, coletado por meio de entrevistas (ATKINSON, 2002 apud CLOSS, ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2015). A narrativa da experiência se manifesta por meio de uma escrita, ou seja, através da interpretação da vivência, indicando a sua trajetória pessoal e profissional, destacando sua construção e seu desenvolvimento (DELORY-MOMBEGGER, 2012).

O objetivo de entender as histórias de vida é compreender os relatos apresentados e analisar suas particularidades (MACCALLI et al., 2014). Segundo Spindola, Santos (2003) uma pesquisa que possui o relato do entrevistado de grande relevância, exige uma relação de confiança entre o pesquisador e os pesquisados. Esta relação é de extrema importância já que auxilia na forma que a história será contada, isto é, caso o indivíduo esteja mais confortável, otimista e seguro de si, a entrevista terá um melhor desenvolvimento. Portelli (1997) diz que a importância de um relato não está necessariamente na aceitação do fato, mas sim na opção de se afastar, para a imaginação e a vontade de emergir. Logo, não há “falsos” relatos. Assim, a relação de confiança contribui para que o pesquisador valorize mais o desenvolvimento da

entrevista do que seu resultado, atentando em descrever os pontos de vista dos participantes, tornando-os o fator mais importante da pesquisa (SPINDOLA; SANTOS, 2003).

Segundo Spindola, Santos (2003), o termo “histórias de vida” possui mais de um significado:

O sociólogo americano Denzin propôs, em 1970, a distinção das terminologias: *life story* (a estória ou o relato de vida) é aquela que designa a história de vida contada pela pessoa que a vivenciou. Nesse caso, o pesquisador não confirma a autenticidade dos fatos, pois o importante é o ponto de vista de quem está narrando. Quanto à *life history* (ou estudo de caso clínico), compreende o estudo aprofundado da vida de um indivíduo ou grupos de indivíduos. Inclui, além da própria narrativa de vida, todos os documentos que possam ser consultados, como dossiês médico e jurídico, testes psicológicos, testemunhos de parentes, entrevistas com pessoas que conhecem o sujeito, ou situações em estudo. Assim, a história de vida trabalha com a estória ou o relato de vida, ou seja, a história contada por quem a vivenciou (SPINDOLA; SANTOS, 2003, p.121).

Logo, a pesquisa utiliza o termo “*life story*”, já que acredita no relato do entrevistado, estabelecendo uma relação de confiança.

A abordagem de história de vida auxilia na percepção de questões objetivas, como o contexto político, social e histórico. Além disso, também contribui nas questões subjetivas, como a importância do espaço que o indivíduo frequenta, e dos seus sentimentos (Closs, Rocha-de-Oliveira, 2015). Logo, compreender a abordagem de vida contribui para o entendimento da relação da pessoa em situação de rua com a cidade, quem faz parte deste grupo social, como chegaram a instituição que os acolhe e sua relação com ela, as relações com as políticas públicas que aumentam a vulnerabilidade destes sujeitos, além da dificuldade na reinserção na sociedade.

Uma narrativa de histórias de vida oferece a oportunidade de refletir sobre o que é contado. Bertaux (1980) diz que o indivíduo ao contar sua história, reflete sobre ela durante o processo. Assim, o pesquisador tem acesso a diversos relatos de grande relevância na construção do indivíduo como ele é atualmente, como também permite ao pesquisado a possibilidade de refletir sobre seu próprio eu, suas lembranças, memórias e pessoas importantes na sua vida, contribuindo para a compreensão sua trajetória de vida (MACCALLI et al., 2014).

4. Apresentação de resultados

Nesta subdivisão serão analisados trechos de relatos contados por frequentadores da organização Centro POP, afim de apresentar “um panorama da realidade nas ruas por meio de diferentes fontes” (SICARI, 2018, p.66). Logo, será apresentado quatro trajetórias de vida de pessoas em situação de rua.

Vale ressaltar que as entrevistas foram realizadas uma única vez com cada pessoa em situação de rua devido a disponibilidade de visitas a organização Centro POP, além da limitação de tempo. Segundo Martinelli (1999, p. 22 apud PIMENTA, DA SILVA, 2010, p.144), “(...) cada pesquisa é única, pois se o sujeito é singular, conhecê-lo significa ouvi-lo, escutá-lo, permitir-lhe que se revele. E onde o sujeito se revela? No discurso e na ação”.

Os entrevistados serão identificados com nomes fictícios. Esses nomes foram escolhidos aleatoriamente.

4.1 Um sujeito falante

O frequentador João do Centro POP, de 38 anos, homem, natural da cidade de Varginha, é um sujeito muito falante. Desde o início interagiu com todos, e foi indicado pelo assistente social da organização a participar da entrevista. Já se encontra nas ruas há 5 anos, estudou até a 5ª série e relatou que sempre foi trabalhador, em que já foi servente, pintor, ajudante de serviços gerais, dentre outros. Ao ser questionado sobre sua infância, contou que foi muito bagunceiro e que sua relação com a família era boa até os 15 anos, idade em que começou o consumo de drogas e logo se afastou.

João conta que vai ao albergue da cidade para sobreviver no inverno. Segundo ele, neste local, a frequência de migrantes têm aumentado. A falta de convívio com esses novos frequentadores gera medo no entrevistado, que diz que seu maior pavor é morrer: “tem muita gente atrapalhada, muita gente esquisita, muita gente Por exemplo no albergue tá aparecendo muita gente, muito, muito ... muitos migrantes, muita gente que você não conhece. Cê não convive com os cara. Não sabe qual é a dos cara” (Conversa com João, Maio de 2019).

Ao ser questionado sobre sua família, o entrevistado conta que não possui pai, nem mãe, mas que tem uma irmã. A irmã trabalha na cidade de Varginha, e mantém contato com o irmão. Porém o mesmo prefere ficar afastado pois conta que não gosta de família, e a procura ajuda somente quando precisa. Relata que a irmã o ajuda, mas fala coisas desagradáveis e por isso o mesmo prefere se manter afastado. Além disso, o morador em situação de rua possui uma filha, que não vê faz 15 anos. A filha foi levada pelo conselho tutelar aos 6 meses, e logo depois passou por um processo de adoção, período em que o paradeiro dela foi perdido.

O indivíduo relata que o Centro POP é importante pois é o local em que este grupo social se alimenta, lava suas roupas, além de passar um período longe do álcool e das drogas. Porém a falta de atividades é um problema para a organização:

[...] Mesma coisa todo dia. Fica pintando ... fica conversando, dormindo. Não, devia ter outras ... atividades, umas coisas assim pra ocupa a cabeça, o lugar ... a cabeça tem coisa que ... chega aqui e ... como diz, não tem como fazer nada. Lavo roupa ali, pronto. Tomo café e vamos fica aqui pintando ... vai fica lendo revista? Tem que ter uma atividade melhor, [...] lembra quando chamava a gente pra trabalhar lá na prefeitura? E pega os ... os negócio e leva pra ... oh o tanto que era bão. Ir na prefeitura lá e pegava as cadeira pra levar lá no ... é um ... É muito bom cara. Fazia parte, ficava andando o dia inteiro, mas trabalhando. Descarregava uma cadeira ali, outra cadeira ... uma coisa pra ocupa o tempo. Agora ... agora não ... (Conversa com João, em Maio de 2019).

Além disso, o sujeito relata que a refeição servida nas organizações que o acolhem não são de melhor qualidade. O entrevistado diz que a prefeitura é responsável pela alimentação não adequada, e que esse é um dos fatores pela qual a prefeitura não cuida bem deste grupo social. Foi perguntado qual medida pública ele aplicaria para ajudar a população de rua se estivesse no governo, na qual trabalho foi a resposta. João conta que alugaria uma fazenda e colocaria todos para trabalhar, mas que para atrair os moradores em situação de rua, ofereceria uma “pinga” como incentivo : “Vai trabalha que te dou três garrafas de pinga por dia. Você acha que eu já não tava trabalhando? Acordei 6 horas da manhã e já tava tomando pinga” (Conversa com João, Maio de 2019). Ao ser indagado que trabalho é o que falta para a o grupo sair das ruas, o entrevistado conta que o problema das ruas nunca será resolvido, já que o mundo é grande demais, além de que trabalho não falta, mas sim um incentivo: “ [...] eu que sou sem vergonha. O serviço eu tenho, eu que não quero ir” (Conversa com João, Maio de 2019). De acordo com o mesmo, os homens precisam de uma companheira fiel, não é somente o trabalho que tira a pessoa da rua. Uma amizade que está sempre apoiando o outro seria o incentivo necessário para sair das ruas.

Ao longo da entrevista, João relata que não entende como está nas ruas, enquanto alguns amigos próximos “cresceram” na vida. O entrevistado cita um conhecido que possui um bar famoso na cidade, na qual explica que trabalhou como ajudante de pintor com o sujeito, e hoje ele possui uma casa e seu próprio estabelecimento:

Tipo assim, uns amigos que, por exemplo, uns amigos que tá de moto, carro, casa própria, e eu tô na mesma pintaíba. Aí eu falo: como é que pode. Eu sempre trabalhei, e os cara ... tem tudo e eu não tenho nada (Conversa com João, Maio de 2019)

4.2 O padeiro

Este homem, de 39 anos, natural da cidade de São Paulo, se ofereceu para participar da entrevista. No início estava um pouco desconfiado, mas ao ver o desenrolar da entrevista com João demonstrou interesse em participar. O sujeito identificado com Pedro tem sua escolaridade até a 8º série, e que trabalha desde os 12 anos como padeiro. Sua infância foi turbulenta, na qual não possui pais, e por isso foi criado por tios, porém não recebia apoio dos

familiares, e sempre se mudava. Pedro conta que foi tratado diferente das outras pessoas da família e, por isso, sua relação com ela sempre fora ruim. Mesmo com familiares que moram em cidades próximas a Varginha, o indivíduo se mantém afastado pela falta de apoio que recebe e culpa o álcool por isso. O sujeito relata que a avó era sua referência quando criança, porém ela faleceu quando o mesmo tinha apenas 7 anos: “Depois que ela morreu aí acabou minha vida” (Conversa com Pedro, Maio de 2019). O morador em situação de rua revela que não possui irmãos, e que a pessoa mais importante do seu dia-a-dia é ele mesmo.

Ao ser questionado o porquê de ter se mudado para Varginha, Pedro conta que veio para se internar em uma clínica, na qual se tornou monitor do local. O sujeito relata que estava se recuperando, mas após um episódio em que foi assaltado e seus objetos foram levados, teve uma recaída. Esse é um dos fatores que o levou para as ruas, já que fazia apenas 3 semanas que o indivíduo estava sem moradia. Devido ao pouco tempo que se encontrava nas ruas, Pedro conta que ainda está aprendendo o que é viver nesse local. O sujeito revela que sua maior dificuldade é conseguir “se virar”, na qual a incerteza do que irá acontecer é seu maior medo: “Medo? De tá na rua. Porque eu não sei o que vai acontecer, entendeu?” (Conversa com Pedro, Maio de 2019).

Para sobreviver neste frio, o morador em situação frequenta o albergue da cidade, além do Centro POP, e conta que essas organizações oferecem agasalhos, mas que ele já possui o seu. Sua frequência na organização Centro POP é diária. O indivíduo conta que está encontrando assistência nesse local. Sobre as atividades feitas no local Pedro diz que: “Às vezes eu ajudo a limpa ali, a fazer O que tiver pra fazer ...” (Conversa com Pedro, Maio de 2019). Quando questionado se já realizou uma consulta com o psicólogo da organização, o morador em situação de rua diz que não precisa, que não vê necessidade de ser atendido.

O entrevistado diz que tomaria a mesma medida pública que João se estivesse no governo, isto é, colocaria a população em situação de rua para trabalhar. Pedro diz, com certa convicção, que vai sair das ruas, na qual está apenas se recuperando da recaída que sofreu. Foi perguntado se o sujeito enxergava este grupo social como uma família, em que a resposta foi:

Eles me ajudam, eles estão me ajudando. E eu já conheço eles já ... é igual eu te falei. Eu trabalhei na clínica lá ... e eles estão me dando todo o apoio. Todo o apoio necessário que eu tô precisando, entendeu? Por exemplo não tem nada que reclama. Por enquanto não. Porque eles estão me ajudando (Conversa com Pedro, Maio de 2019)

4.3 O migrante

Este sujeito identificado como Lucas, de 39 anos, com escolaridade até a 3º série, natural da cidade de São João da Boa Vista, São Paulo, sem filhos, não é frequentador constante

da organização Centro POP, já que é migrante. O indivíduo, que já trabalhou na parte rural, foi borracheiro, além de ser servente, já passou pela cidade antes, na qual é a segunda vez transita pela cidade. O entrevistado considera o município um bom lugar e que recebe a devida atenção, na qual diz que há lugares bons e ruins a se viver. Quando questionado sobre sua infância, Lucas prefere não comentar sobre o assunto: “Foi dolorida, foi dolorida. Não fui criado com pai nem com mãe. Fui criado com uns parentes, mas sempre fui oprimido” (Conversa com Lucas, Maio de 2019).

O entrevistado conta que está nas ruas há apenas um ano e poucos meses e relembra um fato marcante nas suas histórias nas ruas, que no primeiro dia que foi para as ruas no município de Machado – MG sentiu fome, e ficou sem saber o que fazer com a nova realidade, porém as outras pessoas em situação de rua, que mesmo passando pela mesma situação, o acolheram e o alimentaram.

Lucas relata que optou ir para as ruas devido a problemas familiares, no entanto, o que encontrou no mundo não foi o que esperava. Sua maior dificuldade é justamente entender as pessoas e comunicar com a sociedade. Seu maior medo é a incerteza se acordará vivo no dia seguinte, e diz que pede forças a Deus para sobreviver.

Sobre o Centro POP, Lucas menciona que a organização recebe bem as pessoas em situação de rua, porém, no caso dos migrantes, a permanência no local pode ser de apenas um dia. Logo, o entrevistado diz que após uma noite no albergue e o dia na organização de amparo, fica na mesma situação que estava. O indivíduo considera o Centro POP importante para quem é da cidade, já que mantém os frequentadores longe das drogas, do álcool, além de afastá-los de algumas atividades ilícitas. O migrante também relata que nunca recebeu atendimento do psicólogo da organização de amparo, mas sim no período em que esteve preso.

Ao ser questionado sobre qual medida pública aplicaria para ajudar as pessoas em situação de rua, Lucas conta que fiscalizaria o funcionamento das associações de apoio, já que acredita que a proposta do governo é boa, mas que não há uma fiscalização eficiente. Caso ganhasse uma grande quantidade de dinheiro, o indivíduo construiria casas para quem não possui moradia, visto que sua maior vontade é sair das ruas, e uma mão amiga de verdade seria um fator importante para que tal evento ocorra.

4.4 Um solitário

José, morador em situação de rua há 4 anos, de 35 anos, com escolaridade até a 8ª série, começa a entrevista contando a João que enquanto estava no albergue no dia anterior, apanhou de outra pessoa em situação de rua pois pegou o chinelo deste indivíduo sem permissão para tomar banho, já que estava sem e por pouco não foi suspenso do local. O sujeito revela que, apesar de não gostar de trabalhar, sua profissão é de maquinista. É natural da cidade de Boa Esperança – MG, mas já morou por 12 anos em Três Pontas – MG.

Uma característica importante da entrevista com José é que dentre todos os entrevistados, este indivíduo é o único que mantém contato frequente com a família e diz que sua relação com a mesma é ótima desde a infância, até os dias atuais. Sua infância foi boa, em que diz que não tem nada a reclamar. Um episódio marcante na juventude desse rapaz foi suas namoradas: “Não esqueço delas de jeito nenhum” (Conversa com José, Maio de 2019). Uma figura marcante nessa fase de sua vida foi sua mãe, na qual mantém contato todos os dias.

O entrevistado conta que foi para as ruas devido a facilidade encontrada nelas. Segundo o mesmo:

A rua te proporciona as coisas fácil demais. Entendeu? Por isso que é ... na rua ... por isso que muita gente vai pra rua e não sai da rua. Porque a rua te proporciona coisa ruim, mas muita coisa boa também. Você conhece muita gente boa. O mais bom da rua é as amizade que você faz. A rua ela te proporciona muita amizade (Conversa com José, Maio de 2019).

Foi questionado se as amizades ditas pelo entrevistado são como uma família, assim José conta que possui uma família nas ruas, em que se estiver ao seu alcance, ajuda o outro no que for preciso: “Dinheiro, roupa, comida, tudo. O que é da gente é do outro” (Conversa com José, Maio de 2019). Os frequentadores do Centro POP até fazem uma brincadeira com João que irá receber o auxílio do Bolsa Família no dia da entrevista e já vai emprestar o dinheiro recebido para os amigos.

José conta que se casou aos 20 anos, e manteve a união durante 10 anos, e quando o relacionamento acabou, optou por ir para as ruas. Nas suas palavras “decepção amorosa” foi o motivo que o levou a estar na situação atual. Sua maior dificuldade no dia-a-dia é permanecer sozinho, já que o sujeito conta que mesmo quando quer estar só, não consegue, pois sempre algum conhecido na rua para incomoda-lo. José foi sincero ao dizer que no frio bebe umas “cachaças” para sobreviver, além de relatar que seu maior medo se manifesta quando consome drogas, como o crack. Quando usa as drogas ilícitas, o indivíduo conta que tem temor de sofrer nas mãos de quem ele já machucou:

Eu já fiz muita coisa errada na minha vida. Quando eu uso droga, tudo passa na minha vida de novo. Fico com medo daquelas pessoas que eu fiz mal [...] volta e me fazer mal pra mim. Você me entendeu? É de usa droga. Mas quando eu tô de boa assim, eu não tenho medo de nada. Graças a Deus (Conversa com José, Maio de 2019)

Sobre sua família, o entrevistado conta que possui uma irmã por parte de mãe, e 8 irmãos por parte de pai. Os familiares, que moram em Monsenhor Paulo – MG, sempre insistem para que José volte para a casa, mas o mesmo se recusa. Diz que o pai é muito bravo e exigente e que prefere ficar longe afim de não causar discórdias em casa. Mas sua família não se resume apenas nestas pessoas, José possui um filho, que seus pais o criam como se fosse filho deles. A criança desconhece que seu “irmão” na verdade é seu pai já que ainda é muito jovem para compreender a situação, mas que mantém contato com o entrevistado sempre que possível. O entrevistado acredita que o garoto possui uma boa criação e que tem uma infância ainda melhor do que a que possuiu, já que considera que a criança possui muitas “mordomias”.

O indivíduo conta que esteve preso e que estava em liberdade há apenas 3 dias, e que encontrou uma pessoa que está se tornando importante na vida do rapaz. Quando questionado porque esta pessoa é importante, o sujeito diz que “[...] eu tô gostando dela. Só por isso” (Conversa com José, Maio de 2019).

Sobre o Centro POP, José conta que gosta da organização de amparo, mas que há algumas pessoas no local que não são muito boas, mas não quis especificar quem seria. Diz que não vai ao local com frequência pois em suas palavras:

Geralmente eu vinha uns dias sim e uns dias não. Mas eu costumo “falha” uns dias, quando eu tô meio desandado. Quando eu tô de “boinha” assim eu gosto de vim aqui. Porque aqui cuida da gente. Não tá usando droga, não tá bebendo, né. Na rua ... a gente só fica por conta da droga e da bebida (Conversa com José, Maio de 2019).

José relata que não tem preguiça de nada, que ajuda no que for preciso quando está no Centro POP, e que lhe fosse oferecido um emprego, aceitaria sem pensar duas vezes. A respeito da organização de amparo, diz que gostava de trabalhar na pequena horta que havia no local, mas que após o período que estava fora, a plantação foi retirada. O rapaz considera a organização importante devido a ajuda que recebe, além disso relata que já recebeu atendimento do psicólogo do local, mas que não continuou com as consultas já que julga que não houve nenhum efeito na sua vida.

O entrevistado conta que a prefeitura de Varginha cuida da população em situação de rua, mas que sua assistência é tão grande, que nenhum deles quer trabalhar, além disso relata que estava suspenso por um período do Centro POP, e que teve que trabalhar, quando não estava preso, para conseguir sobreviver, já que não recebia assistência da prefeitura. Quando

questionado sobre o que faria caso pudesse aplicar alguma medida pública, “José” conta que mandaria matar os traficantes do país, pois segundo o mesmo: “[...] o que acaba com o mundo é os traficantes. Acaba com a população, mata o povo. Se não existisse traficante não tinha droga” (Conversa com José, Maio de 2019).

Caso recebesse uma grande quantidade de dinheiro, o entrevistado viajaria para um local distante, uma praia, e que viveria uns 5 anos por lá, mas que sempre mandaria dinheiro a sua família. José conta que aprendeu muito nas ruas, na qual respeito foi seu maior ensinamento. Segundo o mesmo, apanhava muito nas ruas, e caso não aprendesse a respeitar continuaria na mesma situação.

O entrevistado diz que possui vontade de sair das ruas, porém não fala com muita convicção: “Vontade a gente tem, né, mas ... sei lá, né” (Conversa com José, Maio de 2019). O que estaria faltando para a mudança de vida seria um emprego, além de dinheiro. Caso tivesse dinheiro estaria imediatamente com sua própria casa, mas que não voltaria a viver com os pais. A residência em que os pais vivem na verdade é do entrevistado, mas que o mesmo não se sente confortável para frequentar a casa sempre que possível. José revela que recebe toda a ajuda necessária, principalmente da mãe, mas que prefere não receber este auxílio, pois, a família já o ajudou demais. Diz que já está velho para depender dos pais, e que prefere “se virar” sozinho, mas com uma ajuda do governo.

4.5 Uma entrevista com a entrevistadora

Em certo momento, as pessoas em situação de rua ficaram curiosas sobre o porquê da entrevista e a minha opinião sobre os frequentadores do local. Revelei que estava entendendo melhor a população em situação de rua e que muitos deles só precisavam de um apoio para sair desta situação, na qual João concorda com a minha fala.

Foi questionado qual o propósito do projeto, na qual revelei que é um Trabalho de Conclusão de PIEPEX – TCP da UNIFAL – MG. Foi explicado que os estudos sobre a população em situação de rua ainda são escassos, e que este grupo deveria receber sua devida atenção. O assistente social explica que é importante os estudantes conhecerem as trajetórias destas pessoas, já que há certo preconceito com este grupo social, além de que a pesquisa propõe um novo olhar sobre este grupo que é visto por poucos.

João foi o sujeito que mais interagiu durante a entrevista. Sempre fazia brincadeiras e ficava curioso sobre o porquê da pesquisa. Demonstrou paciência em responder as perguntas e ele mesmo indicava alguns frequentadores para participar pois julgava suas trajetórias

importantes. O momento mais comovente em sua entrevista foi a tristeza ao dizer que não vê a filha há anos. Porém, Pedro foi o entrevistado que atraiu minha atenção. O sujeito possui uma boa ligação com os pais, que sempre pedem pela sua volta definitiva, mas ele rejeita pois acredita ser maduro o suficiente para não depender da família, e acredita incomodar os pais quando os visita.

Ao ser entrevistada, João disse que a pesquisa é sobre os mais excluídos e Pedro fala que é sobre os mais fracos, em que ao longo da entrevista com as quatro pessoas em situação de rua é possível perceber que esses não sentem como parte da sociedade. João revela que: “Ai todo mundo vê e fala “olha aquele ali não presta”. Talvez a gente presta muito mais que um rico. A gente tem valor, mas não dá valor em nós” (Conversa com João, Maio de 2019). Este mesmo entrevistado até faz uma brincadeira quando digo que voltarei para apresentar o resultado do trabalho ao dizer que não estará mais frequentando o Centro POP, pois já irá ter saído das ruas.

4.6 O Centro POP

A visita ao Centro de Referência Especializado à População de Rua (Centro POP) teve como objetivo identificar um local estratégico para aproximar-se do grupo estudado na pesquisa (SICARI, 2018). Ao longo da entrevista foi perceptível que a organização de amparo é de extrema importância pois oferece assistência as pessoas em situação de rua, além de os manterem longe das drogas ilícitas e do álcool, mesmo que por um curto período. A organização está localizada em um bairro afastado do centro da cidade, na qual um dos funcionários recolhe as pessoas em situação de rua, desde que estes queiram, e os levam para o Centro POP.

Uma gestora do local também foi entrevistada. Foi solicitado a não identificação, logo a pessoa será conhecida como Maria. A gestora do local, de 34 anos, trabalha na organização desde junho de 2015. A funcionária da organização expõe sua opinião ao dizer as maiores dificuldades das pessoas em situação de rua, na qual diz que o maior obstáculo para esse grupo é sobreviver nas ruas, e com isso superar os motivos que os levaram a estarem nesta situação, construir uma nova história de vida, até a saída definitiva das ruas. Maria diz que muitos dos frequentadores optam por dormir nas ruas, e por isso recorrem as bebidas alcoólicas para sobreviver no inverno, além de cobertores, papelões, lonas, etc., porém alguns recorrem ao Abrigo Institucional para resistir ao frio.

Segundo Maria a maioria dos frequentadores ainda possuem vínculo familiar, mesmo que fragilizado, contudo alguns apresentam forte relação com a família, mas não aceitam

retornar as suas casas, como no caso de José, que possui pais que suplicam pela sua volta, mas o mesmo se recusa. A gestora explica que a maioria dos familiares dos frequentadores são de Varginha, ou de cidades próximas, mas que alguns possuem parentes em cidades distantes da região. Foi explicado a Maria que os entrevistados consideram este grupo como uma família, em que a gestora concorda e acredita que estes indivíduos acabam estabelecendo relacionamentos afetivos.

A gestora explica que o Centro POP é uma referência para a população em situação de rua pois contribui na garantia dos direitos, já que é neste local que este grupo tem acesso a alimentação adequada, a um banho, a rede socioassistencial, além de ter seus documentos guardados em um local seguro, ou até mesmo conseguir um novo documento, caso não o tenha. Segundo a mesma, a organização é de extrema importância para estas pessoas, já que é: “[...] além de um local de apoio e referência, como uma oferta de ampliação da qualidade de vida dessa população, é como um porta voz para dar visibilidade, e lutar pela garantia dos direitos, com dignidade” (Conversa com a gestora da organização Centro POP, Maio, 2019).

Os entrevistados reclamaram sobre a retirada da televisão que lá havia. A gestora revelou que acreditava que a TV atrapalhava a convivência entre os indivíduos, e que a organização de amparo oferece oficinas de atividades e convivência, acesso a internet, a livros e revistas, uma horta suspensa, além de ajudar na busca de emprego e no tratamento de dependência química. Segundo Maria (Conversa com a gestora da organização Centro POP, Maio, 2019), o uso excessivo de televisão atrapalha as oficinas e atividades de convivência, pois tudo acontece no mesmo espaço, e por isso não contribuem para o crescimento pessoal das pessoas que estão no local. Porém os entrevistados afirmam que estas atividades e oficinas não acontecem com frequência, e que a horta suspensa e o acesso a internet não existem mais.

A gestora explica que o psicólogo da organização de amparo, apesar de possuir formação em psicologia, não realiza atendimentos. Em conversa com o psicólogo do Centro POP (Novembro, 2018), é relatado que o objetivo deste profissional, inicialmente, era trabalhar com terapia de grupo, mas que a precariedade estrutural da organização fez com que cuidasse mais da parte burocrática. Segundo o mesmo:

O meu trabalho é basicamente fazer uma triagem, alguns entendimentos de demanda espontânea que aparece, mais em cima de uma necessidade material, por exemplo: eu quero um cartão, eu preciso tirar uma segunda via identidade, eu preciso que você ligue e marque uma consulta para mim, coisas desse tipo e quase nenhuma demanda de atendimento psicológico propriamente dito. Então, acabou que eu não atuo aqui como psicólogo, eu uso meu conhecimento em psicologia para nortear as minhas intervenções, minha relação com eles, mas eu não considero que isso seja uma atuação de psicólogo (Conversa com o psicólogo da organização Centro POP, Novembro, 2018).

A princípio, o profissional fazia terapia de grupo todas às terças durante 6 meses e acabou criando um vínculo com os frequentadores, além de abrir uma perspectiva para atendimentos individuais, porém com a saída de um dos coordenadores, foi designado a parte administrativa para suprir a carência de profissionais na área burocrática.

É perguntado a opinião da gestora sobre a efetividade das políticas públicas, e esta explica que as medidas públicas são eficazes no papel, mas é uma luta diária efetivá-las no trabalho. Maria diz que “a administração pública ainda é burocrática demais, a política arcaica, fruto da herança patriarcal brasileira, e nossa sociedade preconceituosa e com muitas limitações culturais, educacionais e econômicas. Temos muito que avançar” (Conversa com a gestora da organização Centro POP, Maio, 2019). Caso pudesse aplicar alguma medida pública, a gestora diz que antes de inserir uma nova medida, efetivaria as já existentes, além de investir em qualidade e recursos humanos, e também fiscalizando com mais agilidade, competência e responsabilidade por parte dos servidores públicos. Maria diz que a parceria entre o setor público e privado é importante para o melhor funcionamento da organização, na qual é oferecido doações e serviços a este grupo social. Maria conta que há uma parceria entre o Centro POP e a Universidade José do Rosário Vellano – Unifenas, em que os estudantes de medicina vão até a organização e realizam atendimentos aos frequentadores com a supervisão de um professor. Além disso, um estúdio de fotografia famoso da cidade realiza gratuitamente as fotos necessárias para a documentação das pessoas em situação de rua. Também ONG's como Grupo Unidos São João Batista, Acrenoc, Kerygma, Asvim, Betesda, Associação Refazer, além de igrejas católicas (pastorais) e igrejas evangélicas ajudam a organização com doações adquiridas.

Maria explica que não concorda com os entrevistados quando estes dizem que a falta de apoio e emprego dificultam a saída das ruas: “[...] a população em situação de rua de Varginha recebe muito apoio. Posso até concordar que em relação à reinserção ao mercado de trabalho, a dificuldade é maior, porque infelizmente há preconceito por estar em situação de rua, em alguns casos pela baixa escolaridade, mas é uma dificuldade que a maioria dos

brasileiros enfrentam, em situação de rua ou não” (Conversa com a gestora da organização Centro POP, Maio, 2019). Para a gestora, o que falta para que estas pessoas saiam das ruas é, no caso de Varginha, a falta de um tratamento eficaz para a dependência química em uma clínica especializada, que em conjunto com o Centro POP, trariam oportunidades melhores para os sujeitos, porém Maria realça que nem todas pessoas são iguais, e que este método pode não funcionar com todas as pessoas em situação de rua.

A gestora explica que aprendeu muito com a população em situação de rua, na qual soube valorizar as mínimas coisas da vida como sua saúde, alimentação, sua moradia e principalmente sua família (Conversa com a gestora da organização Centro POP, Maio, 2019). No lado profissional, Maria aprendeu a lutar pelos direitos, não somente seus, mas como também o do próximo e principalmente respeitar e compreender as escolhas do outro, mesmo que as opções de estilo de vida do outro sejam contrárias as suas.

5. Considerações finais

Esta pesquisa apresentou trajetórias de vida de pessoas em situação de rua, além de apresentar a organização Centro POP que os auxiliam diariamente. O problema de pesquisa – compreender a opção pelas ruas – foi abordado de maneira tangencial, observando as particularidades de cada trajetória de rua e os fatores motivacionais que levaram esses sujeitos a optarem pela situação de rua. Não se pode generalizar, quando se trata de pesquisa com seres humanos, por isso, o objetivo foi de explorar melhor esses fatores e tentar uma aproximação com essa população, para compreender melhor suas necessidades e propor contribuições que possam ser encampadas pelos legisladores, a fim de melhorar as condições de vida dessa população extremamente vulnerável. Por meio dos relatos de João, Pedro e Lucas percebe-se que a falta de um ombro amigo e oportunidade de trabalho afetam diretamente na dificuldade de sair das ruas, enquanto José acredita que o dinheiro o ajudaria a ter sua própria moradia. É possível afirmar que todos entrevistados querem sair das ruas. Em relação a família, é entendido que os frequentadores da organização possuem um vínculo fragilizado com os parentes, até mesmo no caso de “José” que mesmo com contato frequente com os pais, prefere viver nas ruas. Todos os entrevistados não concluíram o ensino médio, e estão em situação de rua por dois anos, em média.

Os fatores motivadores para as trajetórias de rua não são os mesmos para cada um dos entrevistados. No caso de João é possível perceber que o uso das drogas foi fundamental para a opção de ir para as ruas, em que desde jovem o indivíduo consumia substâncias ilícitas, causando o afastamento da família. Para Pedro o falecimento da avó teve notável importância

para a sua trajetória de rua, já que a perda de um ente querido o abalou fortemente. Em relação a Lucas, os vínculos familiares doentes, isto é, a opressão por parte da família foi o fator motivacional para a situação de rua, evidenciando a importância de vínculos familiares saudáveis na opção pelas ruas. José relata que há certa facilidade nas ruas e que a liberdade encontrada é determinante para a situação de rua. É possível encontrar semelhanças nos relatos dos entrevistados, na qual observou-se a importância dos vínculos familiares e sociais na vida desses indivíduos. João conta que uma amizade e/ou uma companheira são necessários para a saída das ruas e que prefere não manter contato com sua família, apenas quando necessário. Pedro e Lucas relatam que sempre tiveram relações familiares ruins, na qual eram tratados de modo diferente dos outros familiares além de serem oprimidos. Já José teve uma boa infância e ainda mantém contato com os pais, mas prefere viver nas ruas pois acredita que importunaria a família. Para este sujeito as drogas tem uma clara importância em sua vida, já que é nelas que José foge da realidade, acreditando que o uso do álcool é indispensável na sua sobrevivência.

Ao longo da entrevista é possível perceber a importância do equilíbrio emocional para a saída das ruas, que pode e deveria ser oferecido pelo Estado como apoio psicológico a pessoas em situação de rua que estão retomando a vida domiciliada. Para Melo (2011) o sofrimento e a vergonha da sua trajetória de rua reforçam a dificuldade da saída das ruas e o retorno para casa. Assim, um psicólogo na instituição que faça atendimentos individuais e/ou terapias coletivas poderia contribuir para o equilíbrio emocional da pessoa em situação de rua, como também um melhor entendimento sobre como esta condição afeta cada indivíduo e como ajudar na saída das ruas.

Sobre a organização Centro POP, notou-se contradições nas falas dos entrevistados e da gestora, na qual as pessoas em situação de rua afirmam que há uma falta de atividades, enquanto a gestora explica que há diariamente oficinas para este grupo. Além disso, há a presença de um psicólogo na organização, porém que não realiza atendimentos. Os entrevistados afirmam que não precisam deste tipo de assistência, ou que já tiveram, mas que acreditam que não houve qualquer efeito. Entretanto, nas entrevistas é possível notar que o estado emocional/psicológico quando afetado por um acontecimento frustrante, uma perda grave de vínculos ou por uma necessidade de fuga da realidade é fator crucial para desencadear uma recaída ou o início de uma trajetória de rua.

Segundo Pimenta, Silva (2010):

Falar sobre morador de rua implica reconhecer uma predominância masculina, em que os sujeitos apresentam como características comuns histórias de sucessivas perdas, nas quais se incluem: o trabalho, a casa, a família e a própria autoestima. Portanto, falar sobre eles implica, ainda, ampliar o olhar e qualificar a realidade social nas suas tensões entre trabalho versus desemprego; lugar versus não lugar; relações sociais: família e rua; segurança versus insegurança; precariedade/identidade versus sensação de liberdade (PIMENTA, SILVA, 2010, P.155-156).

Logo, acredita-se que esta pesquisa pode auxiliar no desenvolvimento de estudos, já que o conhecimento sobre a população em situação de rua ainda é escasso. Além disso, esse trabalho visa contribuir para enxergarmos esse grupo com outro olhar, já que através de suas trajetórias de vida é possível entender o que não está perceptível de imediato ao encontrar estas pessoas que estão nas ruas. Entende-se que o Centro POP possui uma notável importância para este grupo social, já que age nas histórias de vida, além de que é neste local que os indivíduos têm acesso a direitos básicos, como água, alimentação, banho, etc. Não é possível encontrar uma medida pública única que resolva o problema das ruas, já que cada pessoa age e pensa de modo diferente, isto é, as dificuldades sofridas pela população em situação de rua não são as mesmas, logo há uma variedade de soluções, entretanto, nada nos impede de melhorar as políticas que já existem observando, analisando, refletindo e contribuindo para novas tentativas de abordar a situação de rua. Contudo é possível afirmar que um psicólogo, e atividades e oficinas de convivência na organização de amparo seriam medidas públicas fundamentais para o entendimento da situação de rua e com isso possibilitar novas pesquisas sobre o assunto.

6. Roteiro da entrevista na organização Centro POP

PARTE I – Informações sobre o indivíduo

1. Qual sua idade?
2. Qual seu nível de escolaridade?
3. Você já teve um emprego? Caso sim, qual?
4. Você é de Varginha? Caso não, qual sua cidade Natal?
5. Qual sua opinião sobre como a cidade, tanto a prefeitura como a população, lida com as pessoas em situação de rua?
6. Você possui família? Caso sim, ainda mantêm contato com ela?
7. Há quanto tempo você se encontra nas ruas?

PARTE II - Infância

1. Como foi sua infância?
2. Como era sua relação com a família nesta fase?
3. Houve algum episódio marcante na sua infância que você não se esquece até hoje?
4. Quem era sua referência na infância? Você ainda possui contato com ela?

PARTE III – Sobre as ruas

1. Você teve algum momento marcante que te fez pensar ir para as ruas?
2. Porque você optou pelas ruas?
3. Quais suas maiores dificuldades no dia a dia?

4. O que você faz para sobreviver no frio?
5. Qual seu maior medo quando está nas ruas?

PARTE IV – Família

1. Você possui irmãos? Caso sim, eles sabem da sua situação? E seus pais?
2. De onde é sua família? Eles ainda moram nesta região?
3. Você possui filhos? Qual sua relação com eles?
4. Você considera alguém do seu dia a dia, não necessariamente com laços de sangue, como sua família? Caso sim, porque?
5. Qual sua relação com sua família?

PARTE V – Instituição Centro POP

1. Qual sua opinião sobre a instituição?
2. Você vem para a instituição todos os dias?
3. O que você faz neste local?
4. Qual sua atividade favorita na instituição?
5. Qual o nível de importância que o Centro POP tem na sua vida?
6. Você acha que o atendimento do psicólogo da instituição teve algum efeito na sua vida? Qual?

PARTE VI – Informações Gerais

1. Você acha as políticas públicas eficazes?
 - 1A. Se pudesse implantar uma política pública para ajudar seu grupo social, qual seria?
2. Se ganhasse uma grande quantidade de dinheiro hoje, o que faria?

3. O que você aprendeu nas ruas?

4. Você tem vontade de sair das ruas? Caso sim, o que falta para esta mudança?

Referências

BERTAUX, D. L'approche biographique: sa validé méthodologique, ses potentialités. **Cahiers internationaux de sociologie**, p. 197-225, 1980.

BRASIL. Decreto Presidencial Nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009. **Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências**. Diário Oficial da União, 2009.

BRASIL. Lei n. 8742, de 8 de dezembro de 1993. **Dispõe sobre a Lei Orgânica da Assistência Social**. Diário Oficial da União, 1993.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). **Pesquisa nacional sobre a população em situação de rua**. Brasília: MDS, 2008. 16 p.

CLOSS, L. Q.; ROCHA-DE-OLIVEIRA, S. História de vida e trajetórias profissionais: estudo com executivos brasileiros. **Revista de administração contemporânea**, v. 19, n. 4, p. 525-543, 2015.

COFANI, A. **Juventude e consumo de álcool entre jovens de distintos grupos sociais**. 2012. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo.

DE ALCANTARA, S. C; DE ABREU, D. P; FARIAS, A. A. Pessoas em situação de rua: das trajetórias de exclusão social aos processos emancipatórios de formação de consciência, identidade e sentimento de pertença. **Revista Colombiana de Psicología**, v. 24, n. 1, p. 129-143, 2015.

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, p. 523-536, 2012.

HONORATO, B. E. F. **Ordem e subversão nas cidades: Um estudo sobre a população em situação de rua de Belo Horizonte**. 2014. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais.

MACCALI, N et al. O método de história de vida: Desvendando a subjetividade do indivíduo no estudo das organizações. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 15, n. 3, p. 439-468, 2014.

MACHADO, T. **População em Situação de Rua e Sociedade: uma relação marcada por preconceito e estigma**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Catarina.

MATTOS, R. M; FERREIRA, R. F. Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua. **Psicologia & Sociedade**, v. 16, n. 2, p. 47-58, 2004.

MELO, T. H. A. G. **A rua e a sociedade: articulações políticas, socialidade e a luta por reconhecimento da população em situação de rua**. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Paraná.

MORERA, J. A. C. **Crack: histórias de vida de moradores de rua**. 2013. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Universidade Federal de Santa Catarina.

MOURA, Y. G; SILVA, E. A; NOTO, A. R. Redes sociais no contexto de uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 3, n. 1, 2009. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psipesq/v3n1/v3n1a04.pdf> >. Acesso em: 28 de abril de 2019.

PIMENTA, C. A. M; DA SILVA, C. L. Moradores de rua e realidade social contemporânea: subsídios para intervenções no município de Taubaté/SP. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 6, n. 3, p. 136-158, 2010.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 14, p.25-39, 1997.

PREFEITURA DE VARGINHA. **Centro POP de Varginha oferece atendimento em grupo**. Disponível em: <<http://varginha.mg.gov.br/pagina-inicial/25-noticias/22077-centro-pop-de-varginha-oferta-atendimento-em-grupo>>. Acesso em: 15 de junho de 2019.

RODRIGUES, I. S. **A construção social do morador de rua: o controle simbólico da identidade**. 2015. Dissertação (Pós-Graduação em Ciências Sociais), Universidade Federal de Juiz de Fora.

SICARI, A. A. **A cidade, a rua, as pessoas em situação de rua:(in) visibilidades e a luta por direitos**. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal de Santa Catarina.

SPINDOLA, T; SANTOS, R. S. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa (dora?). **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 37, n. 2, p. 119-126, 2003.

TONDIN, M. C; NETA, M. A. P. B; PASSOS, L. A. Consultório de rua: Intervenção ao uso de drogas com pessoas em situação de rua. **Revista de Educação Pública**, v. 22, n. 49/2, p. 485-501, 2013.

VARANDA, W. **Liminaridade, bebidas alcoólicas e outras drogas: funções e significados entre moradores de rua**. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.